

Li *Os meninos da rua Paulo* e li a crítica do escritor e psicanalista **Luiz-Olyntho Telles da Silva**, aliás, minha leitura veio a partir desta. O modo como vai reconstruindo a história, enlaçando os elementos do enredo com o contexto cultural externo, leva-nos a repensar o enredo sem nos deixar levar apenas pela *estesia*. Chama atenção para a boa tradução, e isso – prestemos bem atenção! –, não é pura retórica. Implica fidelidade à ideia do autor. Lê com seriedade. Por exemplo, pergunta-se: *E aqui estamos com Os meninos da rua Paulo. Meninos, ou rapazes? Qual a melhor tradução para fiuk? Mera nuance? Não!* E traz a nossa língua portuguesa para esclarecer um pouco essa distinção, que perfilará, fidedignamente, todos os personagens no seu aspecto psicológico.

Após ler o romance, compreendi melhor a importância que o crítico, **Luiz-Olyntho**, deu à questão da tradução, com ela logo iniciando sua análise. Ora, na batalha em defesa do território, aqueles meninos poderiam sim ser chamados *rapazes*, heroicamente amadurecidos para enfrentar uma grande batalha, com elaborada estratégia bélica. Podemos ver aí uma ligeira paródia com os heróis gregos homéricos. **Luiz-Olyntho** nos remete a essa leitura. Com perspicácia, ao falar da influência que as diversas leituras exercem umas sobre as outras, assim comenta essa presença, digamos, *às avessas* – e aí é exatamente onde podemos observar a rica contribuição do seu olhar crítico, fino, arguto, percebendo pelo dito o não dito no texto. Leiamos o que escreve: *Quando o cachorro do Eslovaco recebe o nome de Heitor (p.40), por exemplo, podemos pensar em uma alusão à Ilíada de Homero: Heitor foi o melhor dos homens, o mais correto como cidadão, marido e guerreiro!* O que ele aponta aqui? A que remete? Podemos pensar assim: culturalmente, ao cão é-lhe atribuída a característica da *fidelidade*, considerado um animal *nobre*. Heitor é um herói que se destaca pela grandeza moral; logo, atentos, observemos a astúcia desse olhar crítico: *pelo avesso*, na figura de um cão, marca, positivamente, pela *identificação*, os diferentes lugares desse espaço romanesco.

Todos eles – tanto os meninos da rua Paulo quanto os camisas-vermelhas da ilha -, traziam o *thymós/entusiasmo* no peito. Lembremos Nemeček, frágil menino no corpo e forte Aquiles na alma. Todos lutavam pela *timé/honra*. A helenista Maria Helena da Rocha Pereira, em *Estudos de História da Cultura Clássica*, chama atenção para o fato de que a *timé* -τιμή- *é a mais alta compensação do guerreiro*; assim, ainda, comenta: *É ainda o amor da τιμή que leva Aquiles a preferir a uma vida longa, mas apagada, a morte gloriosa* (p.139). E não foi em nome da honra - *timé* /τιμή - que vimos o nosso herói Nemeček morrer?

Qual Gregos, carregando no coração a *cultura da vergonha*, também sabiam estimar o inimigo valoroso. Quando, por exemplo, Nemeček saiu do território inimigo, após a punição lhe dada pelos camisas-vermelhas, ao pôr o pé na ponte, Chico Áts, bradando *em voz tonitruante* (esse epíteto, na *Ilíada*, é atribuído a Zeus, o deus supremo do Olimpo), ordenou a todos que lhe fizessem continência (p.124). Havia se mostrado bravo guerreiro. Há o episódio da bandeirinha que bem ilustra essa opinião. Ela foi entregue pelo traidor arrependido, Géreb, aos meninos da rua Paulo, e o seu chefe, Boka, ordenou que a devolvessem, pois, segundo seu *código de honra*, essa posse não seria honrosa. Teria que ser conquistada pelos feitos heroicos! Lembro aqui a troca de armas feita entre o herói aqueu, Diomedes, e o príncipe aliado aos troianos, Glauco. Havia se preparado para combater e, conforme costume, interrogaram-se sobre a

sua linhagem, descobrindo que um antepassado de Glauco fora hóspede de Diomedes. A hospitalidade era um valor preservado; desistiram, portanto, da luta e, para testemunhar publicamente seus sentimentos, trocaram os escudos. Talvez, quando nossos jogadores de futebol trocam as camisas, estejam rememorando um feito valoroso dos Gregos antigos.

Valentemente, os meninos da rua Paulo defendiam *a honra da pátria* - o *grund*. Numa das mais belas passagens desse romance, poeticamente, assim é definido (vale a pena reproduzi-lo inteiro): *Aquele pedacinho estéril de Budapeste, cheio de altos e baixos; aquela planíciezinha confinada entre dois edifícios que para suas almas juvenis significava o infinito, a liberdade; prairie americana de manhã, estepe húngara de tarde, oceano quando chovia, pólo norte pelo inverno – em suma, o amigo de todos eles, que se transformava naquilo que eles queriam, só para diverti-los* (p.112). Eis aí o que distingue um povo de uma nação! Esta carrega seus símbolos no coração!

Tanto o chefe guerreiro, Chico Áts, do Jardim de Botafogo, o *terrível* capitão das camisas-vermelhas, quanto João Boka, chefe dos meninos da Rua, são verdadeiros *aristoi*! Valiosos soldados guerreiros, de nobre porte. Lembremos a passagem em que o corajoso Nemeček, sozinho, enfrenta, ousadamente, no território deles, os camisas-vermelhas, e, rodeado desses intrépidos guerreiros, que perguntavam ao chefe o que fazer dele, assim é a sua fala de comando: - *Não lhe façam mal! Gosto deste rapaz!* E dirigindo-se imediatamente a Nemeček, assim o reconhece: *Você é rapaz corajoso, Nemeček*, e convida-o para ser um deles (p.120).

Mas, agora voltando à pertinente e valiosa questão da tradução, aventada pelo nosso crítico, **Luiz-Olytho**, perguntemos: *Fora desse território – e aí rapazes -, não eram mesmo todos apenas meninos, sem a maturidade de que fala nosso crítico?* Não lemos, por exemplo, que Nemeček choramingava, e tantas vezes?! E até o *supremo comandante* Boka não chorou a traição de Géreb e a morte de Nemeček? E lembremos mais um episódio: o narrador - que seria apenas onisciente, falando em terceira pessoa, sem intromissão -, relatou que, com o lápis, fazendo continência, nessa *operação tão banal* – e detenhamo-nos aqui: assim dizendo, o narrador comenta *parcialmente* - não deixemos escapar! -, tornando-se *intruso!* Algumas vezes, entra na história, participando com um *nosso!* Mas voltemos de nossa digressão, por onde nos perdemos, voltemos à questão: com o lápis fazendo continência, Nemeček, porque *menino*, não choramingava *todas as amarguras de seu coraçãozinho* (p.51)?

Parodiando o helenista Pierre Vidal-Naquet, em seu livro, *O mundo de Homero*, podemos dizer que nesse *belo* romance, de Ferenc Molnár, *há uma bela guerra assim como há uma bela morte*. Assim é a morte de Nemeček. Uma bela morte heróica.

Mas acrescento duas observações aqui: primeiro, quero dizer que esse romance húngaro evoca este, também excepcional, romance brasileiro: *Capitães de Areia*, de nosso escritor baiano, Jorge Amado. Depois, criticamente, quero chamar atenção para esse importantíssimo dado:

- *Um bom olhar crítico nos oferece as bases ideológicas que fundamentam a Obra!*

Dulcinea Santos, maio/ 2010